

RESUMO

Educação e oralidade no oeste africano pela representação de Amadou Hampaté Bâ

Autor: Prof.Ms.Antonio Filogenio de Paula Junior

Co-autor:Prof.Dr.Cesar Romero Amaral Vieira

Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de Piracicaba-Unimep

Eixo-temático: Pesquisa, Educação, Diversidades e Culturas

Categoria: Comunicação

O trabalho tem como objetivo responder qual o papel da oralidade na educação do oeste africano, tendo como objeto principal de investigação as ideias sobre educação e oralidade contidas na obra Amkoullel, o menino fula do filósofo e mestre tradicional do Mali, Amadou Hampaté Bâ. De acordo com o historiador de Burkina Faso, Joseph Ki Zerbo, a oralidade ao lado da escrita e da arqueologia, tendo como ciências auxiliares a linguística e a antropologia, forma o material de pesquisa do historiador que investiga o continente africano. Em nossa pesquisa buscamos perceber o papel que a tradição oral desempenha na formação do homem africano. Esta pesquisa justifica-se também pela necessidade de ampliar os conhecimentos sobre o continente africano, já pensando na Lei Federal 10.639 de 2003, que institui a obrigatoriedade do ensino da história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas do país. Deste modo, compreender melhor a África, também é reconhecer com mais coerência a formação do nosso povo e suas matrizes culturais ampliando as possibilidades do diálogo entre os povos.

Palavras-chave: Educação, Oralidade, África, Tradição e História

Este trabalho tem como linha metodológica a história cultural em diálogo com a fenomenologia para investigar a oralidade e sua relação com a educação desenvolvida no oeste africano. A presença de vários grupos étnicos nesta região da África lhe confere uma certa homogeneidade cultural quando isto é pensado pela cultura, em especial a cultura tradicional, ou seja, a oralidade.

No desenvolvimento do objetivo de compreender a presença da oralidade nos processos educativos do oeste africano, desenvolvemos um percurso que

consideramos necessário para que se possa compreender mais atentamente alguns fenômenos culturais e sociais acontecidos no continente africano e que tiveram vários desdobramentos históricos, não somente para o continente africano, mas também para os negros na diáspora.

Deste modo, a pesquisa inicia-se com o despertar da atenção para a África procurando refletir mais atentamente o porquê de a mesma ter sido desvalorizada historicamente a partir de interesses muito bem calculados e projetados principalmente pela Europa. Neste sentido, discutimos a ideia de um mundo centralizado e de perspectiva hegemônica, fomentado pela Europa¹ e posteriormente pelos Estados Unidos da América.

Ao projetarmos esta perspectiva apontamos então para o dado da diversidade, na qual o outro se revela como elemento participativo e constitutivo, algo que nos dizeres de Pesavento (2004), a história cultural passou a dar atenção e ter interesse de escuta dessas diferentes vozes que surgem então no cenário mundial.

Assim, com o auxílio do referencial teórico de Chartier (2002) e Pesavento (2004) nos colocamos na escuta dessas vozes, trazendo ainda como suporte teórico as ideias de Castiano (2010) que fala da necessidade de tratarmos com uma África sujeito, e não mais objeto, tal como propagada pela visão europeia, sem a escuta dos próprios africanos, e mesmo da ideia de uma intersubjetivação africana, já que a África não é homogênea em suas práticas, culturas e civilizações, não se trata de uma unidade fechada, mas sim de uma diversidade que encontra pontos de correspondência, entre eles a oralidade, mas que se revelam de distintas formas.

O conceito de unanismo cunhado pelo filósofo beninense Paulin Hountondji (1976) nos assegura a condição mais adequada para tratarmos desta questão, assim como o conceito de afropessimismo, também trabalhado por Hountondji na mesma obra *Sur la philosophie africaine* (1976), nos revela como o olhar construído

¹ Esta percepção e modo de ser baseada na própria representação e identidade como valor hegemônico diante das outras representações humanas é estudada pela perspectiva do eurocentrismo, uma marca ideológica que ocupa todos os campos da sociedade: educação, cultura, política, economia e religião.

pela Europa ao falar de si mesma afetou as representações dos outros povos, entre eles o africano, que fica então associado a ideia de miséria e fracasso.

Ao trabalharmos com a perspectiva da história cultural tendo por recurso principal a ideia de representação, discutimos então como é forjada esta representação africana ao longo da história, em especial no período colonial e pós-colonial, o que então faz revelar os enormes desafios na constituição desta representação no mundo e o diálogo que ela operaria a partir das novas realidades globais que se apresentam no cenário das lutas pelas independências dos países africanos e a própria condição dos negros na diáspora.

Todo um aspecto de perspectiva racial constituída na Europa para classificar e legitimar a opressão, e com isto a escravidão e colonização dos povos africanos solicita então uma resposta a altura para que se pudesse consolidar um caminho de reconstrução de identidade dos povos africanos e dos negros na diáspora, esta reconstituição passa pela valorização dos traços culturais próprios, e pela discussão ampla e sistemática de conceitos impostos pelos países europeus que revelavam apenas aspectos negativos, na maioria das vezes, em relação aos povos e culturas africanas, já que baseavam-se em dados pseudo-científicos de classificação e organização de pessoas.

A ideia racial da superioridade branca é então combatida com uma ideia de afirmação da identidade negra e seus traços culturais. Em um movimento surgido por estudantes africanos e caribenhos, principalmente na França, temos a constituição da negritude. Este movimento congrega estudantes e pesquisadores de várias áreas do conhecimento e que ponto a ponto vão colocando abaixo conceitualmente as ideias raciais atribuídas aos povos de origem africana.

A negritude traz forte herança do movimento Pan-africanista idealizado por líderes africanos e intelectuais afrodescendentes que proclamavam uma unidade africana baseada no conceito de uma identidade geográfica e política, algo que com o tempo se revelou frágil na constituição plena dos países africanos contemporâneos.

O historiador Joseph Ki Zerbo (2009) ao longo de suas pesquisas sobre o continente africano e também tendo participado de todo este processo do

movimento de negritude colabora para efetivar um método de investigação histórica do continente africano, no qual destaca a expressão escrita, a oralidade e a arqueologia como pontos basilares para este novo reconhecimento histórico.

Neste contexto Amadou Hampaté Bâ surge como um dos principais expoentes na defesa da oralidade como sendo a principal referência da cultura africana, capaz de aproximar o pesquisador de uma ancestralidade e anterioridade legitimamente africanas e que este sim, se torna um elemento de aproximação entre os povos do continente africano, em especial os de sua região no oeste da África.

Para o historiador queniano Ali Mazrui (2010) a África ao ser estudada apresenta-se como originária de uma herança tríplice: a África por ela mesma, a África com a presença do Islã e a África com a presença da Europa. Sendo assim, Hampaté Bâ vê na oralidade a África por ela mesma, ou seja, reconhece na tradição oral uma possível essência africana comum a vários povos.

Ao destacar a oralidade como elemento de análise para estudarmos a sua relação com a educação no oeste africano, nos deparamos com um desafio, a compreensão e aceitação da oralidade no campo da investigação histórica.

A história cultural e a própria história oral são campos da investigação histórica que não somente reconhecem como também valorizam a oralidade na historiografia, salientando a sua necessidade para tratar com a cultura dos diferentes povos e nações. O oral nos diz Prins (1992) é a base da história de todos os povos, mesmos aqueles que forjam para si uma valorização maior a tradição escrita, como os europeus, que se esquecem que na idade média eram uma sociedade de iletrados.

No caso africano é interessante pois na tradição oral, não se trata de dar maior ou menor importância a oralidade ou a escrita, já que ambas ocupam o seu espaço na sociedade, o que se diz da tradição oral de acordo com Hampaté Bâ é que ela traduz a própria vida e opera com um dinamismo muito maior na constituição do ser humano e sua relação com o todo da vida.

Ao tratar da oralidade somos obrigados a pensar na memória, já que os povos de tradição oral são grandes memorialistas, o que também é um desafio, pois muitas vezes se tenta negar uma legitimidade a questão da memória, por ser considerada

seletiva. Neste trabalho recorreremos então as ideias de memória apresentadas pelo sociólogo francês Maurice Halbwachs (2006), que através do conceito de memória coletiva conseguiu aproximar a investigação do ocidente com o olhar africano em relação a memória.

O conceito de memória coletiva de Halbwachs é de acordo com o antropólogo do Congo radicado no Brasil Kabengele Munanga², o que melhor tem dado conta desta aproximação e que permite uma compreensão melhor do universo tradicional africano. Para Halbwachs enquanto a memória está presente, sendo possível a recordação e a lembrança dos fatos, não há necessidade da história. A história por sua vez surge quando a memória deixa de existir. No entanto, independente dessa concepção aparentemente divergente da de Ki Zerbo (2010) e outros historiadores, que colocam a oralidade e como consequência a memória no próprio conjunto da historiografia, para a nossa investigação ela não é relevante, já que o que recorreremos é a própria ideia da memória coletiva que se baseia no fato da memória não ser estabelecida individualmente, mas ser projetada por um grupo, assim como o fato de a mesma ser estabelecida no universo investigativo da oralidade e como consequência para a reconstituição da história da África.

A partir do entendimento da oralidade esta pesquisa então procura investigar neste universo específico relatado por Hampaté Bâ as relações com a educação, em especial com as práticas educativas que ocorrem neste universo da tradição, é assim que realizando a leitura atenta da obra de Amadou Hampaté Bâ, em especial *Amkoullel*, o menino fula que está baseada no relato da sua infância na região de Bandiagara no Mali, pudemos então com o auxílio de outros autores e de outras obras de Hampaté Bâ compreender a educação neste contexto.

Para a cultura de tradição oral a educação baseia-se na formação do ser humano em sua totalidade, uma educação que visa o ser do homem, e não apenas o ter. Uma educação que visa a integração com outro, no qual incluem-se não somente o outro humano, mas o outro natureza promovendo uma simbiose de respeito e cuidado mútuo. Na tradição o indivíduo é importante e relevante desde

² O professor Kabengele Munanga é um dos fundadores do Centro de Estudos Africanos da USP, um dos mais importantes e significativos espaços de pesquisa acadêmica sobre a África no país.

que, o que ele pense, sinta e execute esteja também a serviço do outro, esteja compartilhado no ambiente coletivo da comunidade ao qual pertence.

Esta educação ainda presente no universo da tradição africana é presente na base da constituição das chamadas culturas de resistência que acontecem nos países em que os africanos foram trazidos como escravizados, entre eles o Brasil. A educação baseada na tradição se coloca na contramão de uma educação que tem preparado as pessoas apenas no atendimento da lógica de um mundo mecanicista permeado pela perspectiva neoliberal, que desconsidera o outro em favor de si mesmo.

De acordo com Blaise (2012), o Brasil recebeu grandes contingentes de africanos no período escravista, oriundos da costa ocidental africana, o que por si só, já torna esta pesquisa necessária para uma compreensão mais adequada desses povos no país e as heranças culturais adquiridas.

Os princípios encontrados na educação do oeste africano, e que de modo criativo foram reinventados na diáspora africana³, preservando-se boa parte da sua essência, estão hoje representados no Brasil nas práticas culturais afro-brasileiras, tais como a capoeira, o batuque, o jongo, o samba, o maracatu, entre tantas outras, mas que ainda são minimamente conhecidas em suas potencialidades pedagógicas, aparecendo ainda nas escolas apenas como algo figurativo, ilustrativo de datas específicas como o 13 de maio ou o 20 de novembro.

No reconhecimento dos valores humanos presentes nestas práticas, pode-se perceber o seu enorme potencial educativo e com isto as mesmas serem muito melhor aproveitadas como elemento formador na educação do povo brasileiro, já tendo como base também o reconhecimento das culturas indígenas e europeias, mas agora integradas e colocadas em diálogo ao se pensar o currículo e os conteúdos pedagógicos a serem desenvolvidos.

A lei federal 10.639/2003 que institui a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas alterando a LDB de 1996, possibilita a

³ O historiador Michel de Certeau (2004) analisa relações sociais de poder através dos conceitos de estratégia e tática, relacionando a estratégia a prática do dominador e tática como o processo criativo e inventivo elaborado pelas pessoas na condição de dominação, capaz de propiciar as condições de vida em momentos de opressão.

oficialidade de uma ação que já foi experimentada anteriormente pelos movimentos negros do país, mas sem o devido apoio, e neste momento, mais do que inserir o tema nos currículos escolares, é relevante pensar a própria consolidação dos currículos a partir destes temas, o que de fato pode integrar este universo de saberes ao conjunto educativo das escolas brasileiras.

Conclusão

A educação baseada na tradição oral do oeste africano visa educar o homem para uma existência total e integrada, na qual o mesmo seja responsável pela elaboração de suas escolhas que sempre serão mediadas pelo respeito e presença do outro. Este olhar integrado - que reconhece no homem distintas dimensões que operam em conjunto, entre elas aquelas relacionadas a um campo físico, mas também espiritual e emocional da vida - é um elemento importante nos dias de hoje em que as tendências econômicas e materialistas estão sendo sobrepostas ao homem.

A educação refletida a partir da obra de Hampaté Bâ procura a valorização e o reconhecimento da tradição oral, que permanece em diálogo constante com o mundo contemporâneo, e pode servir também de base para se repensar uma formação humana diferenciada, cada vez mais atenta ao ser humano e não somente as relações econômicas e políticas que se estruturam de modo cada vez mais agressivo pelo mundo afora. Sendo assim, a contribuição africana é a de voltar o homem a sua humanidade e aprimorar as relações de solidariedade, compartilhamento e participação. No caso do Brasil dispomos de fortes elementos culturais que trazem todos estes aspectos em seu conjunto de práticas e que podem favorecer esta proposta localmente.

Bibliografia

BLAISE, Aboua Kumassi Koffi. **Macunaíma / Kaydara: dois espelhos face a face**. Tese de doutorado em literatura na USP, 2012.

_____. **Considerações sobre o lugar da África na formação da literatura brasileira**. In: Cerrados: Revista do Programa de Pós-Graduação

em Literatura da Universidade de Brasília. Literaturas e Culturas Africanas n.30, ano 19, 2010.

CASTIANO, José Paulino. **Referenciais da Filosofia Africana**: em busca da intersubjetivação. Coleção Horizonte da Palavra. Maputo: UDEBA – Universidade de Desenvolvimento da Educação Básica / Ndjira, 2010.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. 10ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. 2ed. São Paulo: Ed.Difel, 2002.

GRUZINSKI, Serge. **O pensamento mestiço**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2ed. São Paulo: Centauro, 2006.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. Amkoullel, o menino fula. São Paulo: Palas / Casa das Áfricas, 2003.

_____. **Tradição Viva**. In: História Geral da África I. ZERBO, J.K. (Org). Brasília: MEC/Unesco, 2010.

HOUNTUNDJI, Paulin. **Sur la philosophi africaine**. Paris: Maspéro, 1976.

KI ZERBO, Joseph. **Introdução Geral**. História Geral da África I: Metodologia e pré-história da África / editado por Joseph Ki Zerbo. 2ed. Brasília: MEC/Unesco, 2010.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: Usos e Sentidos. 3ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatahi. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PRINS, Gwyn. **História Oral**. In: A escrita da história: novas perspectivas. Peter Burke (org). Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 1992.